

Teatro de Arena de Porto Alegre

O Arena foi inaugurado dia 17 de outubro de 1967 com a peça *O Santo Inquérito* de Dias Gomes. Para esta inauguração demandou nove meses de trabalho na adaptação do sub-solo do Ed. Duque de Caxias. Esta adaptação foi realizada pelos próprios “alunos-atores,” isto é, mantínhamos um curso gratuito de forma-tempo que restava trabalhando como pedreiro, carpinteiro, ou ainda pedindo na cidade materiais de construção. O núcleo inicial do Arena era formado por Jairo, Alba Rosa, Edwiga Faley, Araci Esteves e Câncio Vargas, todos formados pelo Curso de Arte Dramática da Universidade Federal do R.G.S.

O Arena teve duas fases distintas. A primeira até fim de 1971. Nesta fase, após a inauguração o Arena procura uma linha de atuação, sofrendo grande influência do Arena de São Paulo. Neste período sofre duas proibições pela Censura Federal: *Cordélia Brasil* de Antônio Bivar e *Arena Conta Tiradentes* de Augusto Boal. Ainda nesta fase são apresentados: *Álbum de Família* de Nelson Rodrigues, *Quando as máquinas param* de Plínio Marcos, *Entre quatro paredes* de J.P. Sartre, *Os fuzis da Sra. Carrar* de B. Brecht, *O delito na Ilha das Cabras* de Hugo Betti, *Jornada de um imbecil até o entendimento* de Plínio Marcos, *Fundilho de procelana* de Renato Pereira, *Um, dois, três de Oliveira* quatro de Lafayette Galvão, *Arturo Ui* de B. Brecht, *Prometeu acorrentado* de Esquilo, *Teatro Jornal* — 1ª. edição, *Queridíssimo Canalha* de Ivo Bender.

Neste período a perseguição política se intensificou. O Arena não consegue apoio econômico de órgãos públicos. Nestes 5 anos de existência recebe somente 15 mil cruzeiros—verba total—(governos municipal, estadual e federal). Todos os espetáculos acima foram montados em regime profissional, sendo esta relação de trabalho, inaugurado pelo Arena. (Carteira de trabalho assinada, obrigações previdenciárias, etc. . . .) O Arena começa a representar um reduto de resistência cultural diante da ditadura agravada com a promulgação do AI-5 e Lei 477 que amordaçava estudantes. Então o Arena começa a se tornar um ponto de convergência destes estudantes e intelectuais. A repressão se intensifica, obrigando o fechamento do Arena em 1972 e nos deslocamos (Jairo e Marlise Saueressig, jovem atriz que também assume o Arena), já que os outros se retiram para

tratar de interesses particulares, viajando pelo Brasil com um trabalho de *Expressão Corporal*.

Em 1973 inicia a 2ª. grande fase com a peça *À Flor da Pele* de Consuelo de Castro. Sucesso absoluto, Marlise disposta como atriz de grande talento, sendo elogiado seu trabalho por toda a crítica especializada. Foi o primeiro e único espetáculo do Arena que apresentou um bom resultado econômico. Com este resultado possibilitou a compra do imóvel onde está o Arena.

Em 1974 *A Dama de Copas e o Rei de Cubas* de Timochenko Wehbi, *Corpo a Corpo* de Oduvaldo Viana Filho. Em 1975 é montado *Mockinpott* de Peter Weiss com direção do espanhol José Luis Gómez, em co-produção com o Instituto Goethe. *Mockinpott* teve um tratamento de super produção. Deveria viajar por todo o Brasil. A verba fornecida pelo Goethe foi insuficiente, o Arena solicita auxílio aos órgãos públicos. Não consegue. Única saída: hipoteca o prédio para a Caixa Econômica Federal, obtendo os 150 mil cruzeiros que faltavam. O espetáculo com 16 pessoas—atores e técnicos—viaja alcançando grande sucesso. No Rio de Janeiro recebe por unanimidade o prêmio “Recomendação especial da Crítica.” Após percorrer vários estados, inclusive Brasília, no Rio a Censura tenta proibir o espetáculo. Volta atrás. Em 1976 na estréia de *Mockinpott* em São Paulo é proibida pela Censura. As forças culturais se mobilizam; a Censura recua liberando. Grande sucesso, mas em virtude do alto custo de manutenção do espetáculo o prejuízo é constante. Embora a situação deficitária, resolvemos manter o espetáculo, num franco desafio às forças opressoras. Após 22 meses em cartaz, *Mockinpott* termina deixando um saldo negativo de mais de 400 mil cruzeiros assumidos inteiramente pelo Arena. Os pagamentos da hipoteca do prédio são interrompidos.

Ainda se monta *O terrível, triste e trágico encontro de Fátima Maria com o encantado, desencantado senhor Americano* de Ricardo Vieira, *Caminho de volta* de Consuelo de Castro; *Marly Emboaba* de Carlos Queiroz Telles; neste espetáculo Marlise Saueressig recebe o prêmio de “Melhor atriz gaúcha.” A crise aumenta. Aprendemos a conviver com a Censura do Ministério da Justiça, mas a Censura econômica começa a limitar as possibilidades do Arena. Nesta época Marlise trabalha no filme *Os Mucker* dirigido por Gauer e Bodanzky, recebendo o prêmio de Melhor Atriz no VII Festival do Cinema Brasileiro em Gramado.

Partimos agora para a restauração do trabalho do teatro amador—em Porto Alegre não existia este tipo de atividade—encenando simultaneamente tres espetáculos: *Um edifício chamado 200* de Paulo Pontes, *Eles não usam black-tie* de Gianfrancesco Guarnieri; *O homem que enganou o diabo e ainda pediu troco* de Luis Gutemberg, com grande sucesso, mas sem resposta econômica.

Vem a “abertura política.” Dificuldades financeiras aumentam. Tentamos uma última saída: reaproveitando cenários, remontamos *Jornada de um imbecil até o entendimento* de Plínio Marcos e finalmente *Cordélia Brasil*.

Em setembro de 1979 o Arena encerra suas atividades.

Caixa Econômica executa a dívida, procurando vender em leilão o prédio do Arena. Recua temporariamente diante da reação contrária de intelectuais, classe teatral e imprensa. Os órgãos governamentais não querem assumir o Arena, muito embora reconheçam que esta casa faz parte do patrimônio cultural do estado.

A verdade: A abertura política foi decretada mas está sendo executada pelos

mesmos que foram os repressores. A história do Arena, sua dívida—cerca de 2 milhões, sua preservação não lhes interessa. O Arena está sendo punido pelo que realizou durante os últimos 13 anos da ditadura obscurantista que atrasou o processo cultural brasileiro.

Jairo de Andrade
Porto Alegre